



JESUÍTAS BRASIL

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (Impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | n° 330 | vol. 20 | 2022

**O Mundo é um grande Olho
que vemos e que nos vê**
José Angel Quintero Weir

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 330 | vol. 20 | 2022

O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê

José Angel Quintero Weir

Membro do povo Añuu e professor na Universidade
Autônoma Indígena UAIN – Wainjirawa



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 330 – V. 20 – 2022
ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Praia do Francês em 360° | Wikimedia Commons

Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê

José Ángel Quintero Weir

RESUMO: Vou contar o que dizem os Añuu, o povo da água; nossos primos, os Wayuu, o povo das terras secas, e os Barí, o povo da selva, das montanhas; que somos os povos que há milhares de anos habitam a grande bacia do Karoorare, que os brancos chamam de Lago Maracaibo. Contarei como foi possível a vida humana neste lado do mundo, até chegarmos ao momento presente, em que todos nós - indígenas e não indígenas - estamos sendo empurrados para refazer o caminho do homem branco que não leva à vida. Não estou dizendo que nos leva à morte porque, afinal, sabemos muito bem que toda e qualquer pessoa tem que desaparecer da vista dos outros em algum momento, mas sim que o caminho dos brancos leva à impossibilidade de reproduzir a vida de comunidades humanas e não humanas em qualquer lugar no olho do universo que todos nós habitamos.

PALAVRAS-CHAVE: Añuu. Wayuu. Barí. Perspectivismo. Cosmologia.



The World is a big Eye that we see and that sees us

José Ángel Quintero Weir

ABSTRACT: I will tell you what the Añuu, the people of the water, say; our cousins, the Wayuu, the people of the dry lands, and the Barí, the people of the jungle, of the mountains; that we are the people who for thousands of years have inhabited the great basin of the Karroware, which the whites call Lake Maracaibo. I will tell you how human life was possible on this side of the world, until we reach the present moment, when all of us - indigenous and non-indigenous - are being pushed to retrace the path of the white man who does not lead to life. I am not saying that it leads to death because, after all, we know very well that each and every person has to disappear from the sight of others at some point, but rather that the path of white people leads to the impossibility of reproducing the life of human communities and not humans anywhere in the eye of the universe that we all inhabit.

KEYWORDS: Añuu. Wayuu. Barí. Perspectivism. Cosmology.



O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê

José Angel Quintero Weir

Membro do povo Añuu e professor na
Universidade Autônoma Indígena UAIN – Wainjirawa

*Jürüko añun we. Jürüko Wamuratü asota e'in wa-
kummakar. Aka,*

*Mmakar jükana we, jürüko We. Kawe keetü aimo-
ra we, api jürüko ou'tee we.*

Tawicha Isabelita

*Todos nós, os povos, perdemos a memória do nosso
caminho, mas*

*O mundo olha para todos nós. Temos que mudar
ou todos morreremos.*

Minha avó Elizabete



AMANEÛ OUATÛ ARIIYUUKAI: AITORAAKAI

PRIMEIRO FOI O ARIIYUU: O UNIVERSO

Vou contar o que dizem os Añuu, o povo da água; nossos primos, os Wayuu, o povo das terras secas, e os Barí, o povo da selva, das montanhas; que somos os povos que há milhares de anos habitam a grande bacia do **Karoorare**, que os brancos chamam de Lago Maracaibo. Contarei como foi possível a vida humana neste lado do mundo, até chegarmos ao momento presente, em que todos nós - indígenas e não indígenas - estamos sendo empurrados para refazer o caminho do homem branco que não leva à vida. Não estou dizendo que nos leva à morte porque, afinal, sabemos muito bem que toda e qualquer pessoa tem que desaparecer da vista dos outros em algum momento, mas sim que o caminho dos brancos leva à impossibilidade de reproduzir a vida de comunidades humanas e não humanas em qualquer lugar no olho do universo que todos nós

habitamos.

Direi então que as avós Añuu, mas também os Wayuu, dizem que o céu noturno que vemos cheio de estrelas é o corpo da energia de **Aseyuu** (palavra dos Wayuu), ou de **Ariiyuu** - dizemos o Añuu -, embora os **Alíjunas-Ayouna** (não indígenas em **wayuunai-ki** e **añunnükü** respectivamente), digam que é o que chamam de Deus e que, segundo eles, ele apenas tem sua exata imagem e semelhança; No entanto, se entendermos que é isso que torna possível que toda a vida emerja no mundo, então podemos concordar que, certamente, Aseyuu-Ariiyuu com certeza deve ser como seu Deus, embora devamos reconhecer que esse animismo mítico não foi inventado por nós.

A verdade é que Aseyuu-Ariiyuu é para nós, Wayuu-Añuu, a energia vital que, com a força gigante de seu redemoinho infinito, cria e torna possível a vida de tudo o que está presente no Grande Céu e na Terra. Mas devemos dizer que Aseyuu-Ariiyuu só adquiriu poder criativo quando as grandes forças do universo, a Grande Clareza e a Grande Escuridão, que, depois de uma grande batalha, acabaram entendendo a impossibilidade de impor-se uma sobre a outra, então, chegaram a um acordo e juntos criaram a palavra **-Ookoto-**, que é **cortar/compartilhar** para a vida. Foi quando tomou forma o Aseyuu-Ariiyuu do universo que vemos hoje como aquele grande céu negro infinitamente iluminado por seus milhões de estrelas, e desde então ele nos observa porque dentro de seus olhos, há milhares de anos, temos todos surgido. Claro que para os brancos esta é apenas uma história, porque para eles só a sua história de Deus é a verdade a impor a todos e porque, além disso, só veem escuridão no céu e mui-

to pouco reparam na luz das estrelas que o iluminam, então eles não conseguem entender o corte/compartilhamento acordado pelas energias que só unidas tornaram possível a criação do Universo.

Por sua vez, os irmãos Barí dizem que vieram à terra dentro das sementes do fruto do abacaxi que Sabaseba, um Saimadoyi vindo do quinto céu do universo criado pela grande energia de Ñambobikorai, descobriu a Terra da Serra e junto a outros Saimadoyi desceu para semear suas sementes de abacaxi, mandioca, batata-doce roxa, palmeiras e todas as árvores da vida na selva; mas foi do fruto do abacaxi que surgiu o primeiro Barí como povo, para povoar as terras da Serra em toda a bacia.

Mas, foi a energia de Ñambobikorai que com sua força e virada de vida distribuiu todo o universo e a própria terra, para que pudessem ser povoados por diferentes comunidades de seres, humanos e não humanos, cada uma em seus próprios espaços territoriais. Os Barí pertenciam ao solo das montanhas e planícies ao redor do grande lago, mas apenas durante o dia, já que a noite pertence aos Ishigbarí (os que vivem nas árvores); dos Shibagyi (moradores de cavernas); dos Waibá, que parecem pedras e rochas durante o dia, mas acordam à noite para contar suas grandes histórias e longas lembranças; os Taibabioyi, que são seres muito pequenos, mas cuja grande tarefa é cuidar das nascentes, rios e nascentes de toda a bacia.

Da mesma forma, os céus são totalmente territorializados; por isso, o primeiro céu cujos limites são fixados pelas nuvens (Borohba) é habitado pelos irmãos Vento (o Vento Suave e o Vento Forte, sempre acompa-

nhados por Bigdarí, um filho travesso da Tempestade que gosta de brincar com raios e faíscas). Mais acima está o segundo céu, que é o território de Ñandou (Sol) e Chibaëg (Lua), responsáveis por compartilhar luz e escuridão para dar vida à Terra. Um terceiro céu é o de Basushimba, território do universo ocupado pelos espíritos dos mortos. Mais acima, no quarto céu, está o território dos Saimadoyi como Sabaseba e Kasosodou que plantaram o povo (os Barí) na selva da Serra. Finalmente, um quinto céu muito distante, que é o território dos Tarigbimomó, que são pessoas como os Barí, mas que nunca saem de seu céu porque, se o fizerem, nunca poderão voltar. Direto daquele céu saíram Sabaseba e os outros Saimadoyi, e nunca mais voltaram ao seu lugar.

A verdade é que, seja como os Aseyuu dos Wayuu, os Ariiyuu dos Añuu ou os Ñambobikorai dos Barí, os povos indígenas da bacia do Lago evidentemente concordam que nossa vida como comunidades humanas, como a do resto das comunidades dos seres presentes no mundo, depende dessa energia vital do universo que nos transmite a Terra da qual emergimos e fazemos parte. Isso significa que estamos todos dentro do universo e somos sustentados vitalmente pela energia da Terra que ela faz brotar do centro magnetizado de seu coração, e irradia em sua rotação constante como um rizoma permanente que flui e brota por todos os poros da sua pele propiciando assim as mudanças que possibilitam a reprodução da vida de todos.

Este é o princípio que define nosso *estar* e nosso *fazer* no mundo: saber que estamos dentro do corpo gigante do universo, alimentados por seu Ariiyuu (energia vital) que emana da Terra como parte do cor-

po do universo. É assim que definimos nosso *lugar de ver, sentir e viver* o mundo, o que denominamos na língua Añuu como **Eirare**, ou o que em termos mais acadêmicos o irmão Arturo Escobar definiu bem como a *Ontologia política* de nossos povos.

Foi a partir deste princípio ou **Eirare** de *estar dentro no mundo* que ao longo de milênios orientamos nosso estar e nossas ações sobre as águas, os Añuu; no semideserto da Península de La Guajira, os Wayuu, e na floresta tropical úmida da Serra de Perijá, os Barí. Em outras palavras, *estar dentro no mundo* é o que orientou e definiu os limites em nossas relações ecológicas com os diferentes espaços territoriais de cada um dos povos, mas também as relações e limites com as demais comunidades de seres humanos e não humanos e, é claro, as relações sociais e de poder dentro de nossas próprias comunidades e povos.

ANÜKÜKAR: -OOKOTO- EIÑA MMAKAR

A PALAVRA: CORTAR-COMPARTILHAR – FAZER DA TERRA

E*star no mundo* necessariamente nos leva a ter que aprender com a Terra e com todas as outras existências com as quais convivemos no espaço que, como comunidade humana, territorializamos. Esta aprendizagem supõe também compreender que para aprender com a Terra e com todas as outras comunidades é preciso saber dialogar com elas na sua própria língua.

Nesse sentido, a linguagem do mundo e das comunidades de plantas, animais, rios, montanhas etc.,

se expressa ou se manifesta através do *fazer* (**Eiña**) que as comunidades humanas devem aprender como parte de nosso processo de territorialização que, de acordo com nossa **Eirare**, devemos realizar como nossa responsabilidade no necessário desdobramento dos **Ariiyuu** do mundo em nosso território.

Assim, a primeira coisa que devemos entender é o fato de que tudo presente no mundo *está*, porque faz parte de uma comunidade de sujeitos no exercício do *fazer* (**Eiña**), como uma linguagem que lhes é própria no contexto dos lugares/tempo que a Terra cria. Nada, então, *surge* no mundo como um “elemento” isolado, absolutamente independente ou autárquico, pois sempre faz parte de um grupo de sujeitos que compartilham um *fazer* que, por sua vez, compartilham igualmente com todas as outras comunidades de sujeitos diferentes, presentes nesse determinado lugar/tempo.

O que precede leva-nos a ter de especificar, o que constitui para nós um primeiro ensinamento fundamental que a Terra nos dá a todos nós que dela emergimos; isto é, compreender a condição de **incompletude** a partir da qual se constituem todos os sujeitos e comunidades, o que representa um princípio fundamental para a produção e reprodução da vida de cada uma das comunidades. Nada, então, está no mundo como um sujeito completo e, portanto, para remediar nossa **incompletude** necessitamos da complementaridade, que é a que nos referimos na língua Añuu com a expressão: **-Ookoto-**, verbo cujo significado contém em si, a relação inseparável de *cortar* e *compartilhar*.

É importante esclarecer que debatemos muito na

comunidade uma possível tradução que permitisse o entendimento castelhano de tal relação, pois sabemos que a palavra “*cortar*”, em espanhol, não parece ser capaz de se destacar de sua implicação significativa de “*rasgar*”; porém, na língua Añuu, “*cortar*” como “*rasgar*” é expresso com outro termo: “*Chonaa*”, enquanto com **-Ookoto-** o que pretendemos apontar é a possibilidade de somar ou multiplicar nossas vidas e a dos outros com quem estabelecemos relações. Mas, para que tal adição ou multiplicação se concretize, nossa **Eirare** nos orienta a “*cortar*” parte de nós mesmos sem “*rasgar*” (sem dor e com alegria), pois só assim poderemos *compartilhá-la* verdadeiramente com os outros.

Agora, não é possível *ensinar sem mostrar*, assim como não é possível *aprender* sem a possibilidade de reconhecer o que só pode ser mostrado na experiência do *fazer*. E este é o segundo grande ensinamento que a Terra nos dá porque, a cada um dos dias de nossa existência, ela não se cansa de nos mostrar, com o **-Ookoto-** de sua experiência, o verdadeiro caminho a seguir para que sejamos capazes de produzir e reproduzir nossa vida; mas também poder contribuir com o nosso *fazer* para a produção e reprodução da vida de todas as outras comunidades com as quais, em determinados lugares/tempos, partilhamos território.

Há aquele que, para nós Añuu, corresponde ao segundo ato transcendental da Terra: *criar o tempo*. Porque ela, com seu giro poderoso e magnetizado, não apenas *corta-compartilha* constantemente seu **Arii-yuu**, mas assim possibilita a conformação dos diferentes lugares/tempos que também constituem espaços fundamentais para o *corte-compartilhamento* de todas as comunidades (humanas e não humanas) que em

tais lugares/tempos encontram condições ideais para a produção e reprodução da vida para cada um deles e, assim, contribuem para a multiplicação da vida na Terra e no Universo.

Então, vamos resumir. Até agora expusemos vários termos que, segundo os ensinamentos do irmão Mestre Carlos Lenkersdorf, seriam o que ele chamou de “palavras-chave” com as quais toda cultura configura e explica seu sistema de pensamento, pois, na verdade, revelam as bases conceituais do “Sentipensar” ou “Filosofar” das culturas, neste caso, a cosmovisão de nosso povo Añuu. Estas são as expressões com as quais orientamos o exercício diário da nossa “Cosmovivência” e/ou territorialidade.

Tais palavras-conceitos, categorias-princípios são: **Eirare**, princípio ontológico-político de nosso processo particular de conhecer e produzir conhecimento no contexto de nossa territorialização nas águas do Lago Maracaibo. Esta **Eirare** é aquela que nos permite definir o nosso lugar como estar no mundo e é a partir daí que configuramos a imagem do mundo como o **Grande Olho** em que estamos, que podemos ver em seu *cortar-compartilhar*, mas que igualmente nos vê em nosso próprio *fazer*.

É precisamente o *cortar-compartilhar* (-Ookoto-) a segunda expressão com que definimos e exercemos o nosso Sentipensar como a orientação fundamental que o nosso **Eirare** nos impõe para a produção e reprodução da vida do nosso povo nas suas relações complementares com todas as outras comunidades humanas e não humanas no contexto territorial no qual nos constituímos como cultura.

Por último, temos a expressão **Eiña**, que traduzimos por *fazer*; no entanto, é importante dizer que é uma tradução que se baseia no que consideramos ser o trabalho a que cada comunidade humana ou não humana deve dedicar todo o seu esforço durante a sua existência e que não é mais do que *apoiar a casa*. Esta definição está contida em **Eiña** de: *Ei- sopro, espírito*; e, **-ña**, é o substantivo de *casa*. Assim, *fazer*, para os Añuu, nada mais é do que tudo o que é necessário *fazer* para *animar, dar ânimo ao nosso lar, animar o lar de outras comunidades* humanas e não humanas e, com isso, *animar o mundo como lar de todos*.

Essa compreensão do nosso *fazer* está diretamente ligada ao que consideramos ser o horizonte ético que buscamos construir e fomentar no exercício de nossa cosmo-experiência, de nossa territorialidade, e que definimos a partir do que chamamos de **Wakuwaipa**, que significa: *Nosso caminhar como anda a terra*, o que nos obriga a entender que nosso fazer como **Eiña** nos impõe agir permanentemente com responsabilidade, ou seja, **Asokutariñü We**: o que significa que *somos responsáveis* por tudo o que *fazemos* ou deixamos de *fazer*, do que dizemos e o que silenciemos, porque devemos ser responsáveis por nossa casa, pela comunidade, pela casa de outras comunidades e pelo mundo como a casa de todos.

Como deve ser apreciado, para nós, os Añuu, o viver e a vida, a partir da orientação do **Eirare** com que definimos nosso estar no mundo, nos move em ondas concêntricas sobre nosso espaço territorial na busca permanente de um **horizonte ético** sobre o que precisamos nos construir e, por isso, devemos encorajar dia a dia a cada um dos membros e a comunidade em geral

em virtude de e em função de poder *andar como a Terra anda* e nunca contra ela, porque, só assim, estamos convencidos, é possível manter nossos próprios **Ariiyuu** em equilíbrio como sujeitos humanos emparelhados com os **Ariiyuu** de todas as outras comunidades humanas e não humanas e, é claro, com a Terra e os **Ariiyuu** que ela nos proporciona em sua caminhada constante e que, por isso mesmo, devemos todos segui-la e encorajá-la, pois precisamos dela para reproduzir como nossa casa com nosso *fazer*.

WAÜNNÜ YOLUJAKAI: ANTROPOCENAKAR

NOSSO INIMIGO YOLUJÁ: O ANTROPOCENO

A *andar como o mundo anda* é, portanto, condição fundamental para um Bom Conviver (**Anain amo Katouwa**), que nada mais é do que viver em e para a harmonia dos **Ariiyuu** de todos. Isso, por sua vez, exige que respeitemos os limites territoriais e/ou os lugares-tempos de todas as comunidades, mesmo daquelas que se apresentam como invisíveis para nós, mas que, sabemos, podem nos afetar e, portanto, seus lugares para nós **Waünnü**, ou seja, espaços onde vive uma comunidade invisível com o poder de nos afetar já que é **Yolujá**, o espírito que carrega a doença.

Durante muito tempo, desde a chegada dos brancos europeus e ainda hoje, falar sobre ela tem sido comum e pejorativo, associado a uma suposta condição “natural” de ignorância e/ou malandragem do povo, desde a sua **Eirare**, o homem branco decide que a Terra é apenas uma coisa apropriável para seu benefício ex-

clusivo, um piso onde ele pode elevar seu poder sobre todas as outras comunidades e sobre a própria Terra e, por isso, ele é capaz de intervir e violá-la, quebrando o território de todas as comunidades incluindo os espíritos **Yolujá** que geralmente habitam plantas, animais, pântanos etc. Imediatamente, eles se defendem lançando seu hálito doente. Esses Yolujá são o que os brancos chamam de “vírus”.

Mas sabe-se também que um Yolujá pode ser o espírito de um de nossos falecidos que, confusos pelos constantes apelos de seus parentes e amigos que, com dor de sua partida, continuam a nomeá-los como quando estavam entre os vivos; então, o desaparecido passa a pensar que ainda está vivo e abandona sua viagem ao outro olho do mundo, e retorna ao seu lugar onde, sem querer, com seu sopro de morte põe em risco a saúde da família, especialmente a das crianças. Por isso, quem acaba de morrer nunca deve ser mencionado pelo nome e, se quisermos lembrá-lo, devemos nomeá-lo como: Nikii ou'tikai – **Nikii ou'tikar**, ou seja, *o sofredor*, pois, até que ele chegue ao seu lugar final, ele deve sofrer as vicissitudes de sua misteriosa jornada. No entanto, vemos que para os brancos é quase um prazer se vangloriar da morte, talvez porque no fundo sempre aspirem à eternidade.

Por fim, ainda existe um Yolujá muito poderoso que, sem perceber, está sempre ao nosso lado com todos nós: indígenas e não indígenas. Dizemos que é, talvez, o Yolujá mais poderoso que conhecemos porque, não só é capaz de nos transformar a ponto de nos tornarmos seres sem afeto e, portanto, dispostos a destruir a vida dos outros sem nenhum traço de arrependimento, mas porque o poder desse Yolujá está em sua

capacidade de se misturar e se esconder atrás do que consideramos nossos melhores propósitos e desejos. É o Yolujá da *ambição* e da *cobiça* que, com o poder do vazio oculto de sua palavra, nos induz a romper os fios de harmonia com que todas as comunidades são tecidas pelos **Ariiyuu** do mundo.

Sabíamos do poder dos Yolujá dos vírus que os brancos em tempos de conquista e colonização trouxeram em seus corpos, roupas e presentes que espalham doenças causando a morte de centenas de milhares de pessoas de nossas comunidades por toda Abya Yala. No entanto, nossa Avó Terra, com as ações de suas plantas, a gordura de seus animais, o calor e outras propriedades de suas águas, nos ajudaram a enfrentar as doenças que os Yolujá dos brancos traziam consigo. De lá para cá, muitos povos indígenas sobreviveram, mas não foi o suficiente, sobretudo porque os Yolujá da ambição e da ganância, da economia do dinheiro branco, multiplicaram seu desejo insaciável de acumular riquezas e, infelizmente, esse Yolujá conseguiu penetrar muitos de nós dentro de nossos povos.

Assim, guiada pelo Yolujá da ambição e da ganância de riqueza (dinheiro), a sociedade branca-ocidental-capitalista com sua poderosa tecnociência conseguiu destruir, em muito pouco tempo, muitos lugares-tempo que, com seu fazer, a Terra e os povos levaram milhares de anos para construir e sustentar sob o princípio do cortar-compartilhar de coexistência entre diferentes comunidades. Apenas para citar nosso exemplo: em pouco mais de cem anos, os quase 17.000 quilômetros quadrados do território Añuu do grande Lago de Maracaibo (Karoorare), antes de água totalmente doce, são hoje uma grande piscina de sal, um

depósito de resíduos químicos e petroleiros que reduzem a pesca, matando muitas espécies e interrompendo sua contribuição para a manutenção das condições climáticas e a frequência das chuvas em toda a bacia.

Mas os brancos não param, porque seu espírito já pertence a Yoluja; Por isso, em sua loucura, não param de derrubar milhares de hectares de floresta na Amazônia e na Orinoquia; mudam o curso de seus rios; eles derrubam montanhas e perfuram e envenenam a Terra em busca de minerais que traduzem em bens e dinheiro. Muitos são os tolos que ainda celebram, convencidos do poder dos homens que, em sua opinião, tomaram conta da Terra e de sua construção do tempo; no entanto, ignoram que essas ações ainda colocam todas aquelas comunidades que os brancos desconhecem em estado de guerra, e cuja resposta para assustar os Yoluja dos brancos de suas vidas põe em risco a vida de todos nós, a vida dos brancos incluída.

Isso, acho que os Barí da **Eirare** explicam melhor. Dizem que no fundo da Terra vivem os poderosos **Ñankúa**, que se alimentam do **Ariiyuu** do sol que ilumina o mundo interior da Terra e, portanto, **Ñankúa** nunca deve sair porque sua energia (**Ñan**) é tão poderosa que sua mera presença pode acabar com a vida de muitas comunidades, incluindo a comunidade humana. **Ñankúa** tem várias famílias e cada uma delas pode ter uma forma particular em seus corpos. Uma é a família **Ñankúa** que se parece com *óleo preto* muito espesso (**petróleo**), mas igualmente volátil. Outra é a família **Ñankúa** com *coração de pedra* (**carvão**), que ainda tem mau humor, pois pelo contato com o ar se tornam sulfurosos e inflamam-se em um fogo venenoso. Finalmente, há a família **Ñankúa** que não pode ser

vista, mas pode ser cheirada e que ainda pode ser explosiva e mortalmente venenosa para plantas, animais e pessoas.

Os brancos sabem do poder mortífero de **Ñankúa**, porém, os **Yolujá** de sua ambição os levam a perfurar a Terra para quebrar as casas **Ñankúa**, obrigando-os a sair e assim poder aprisionar sua energia para convertê-la em mercadoria, em dinheiro. Mas **Ñankúa** resiste e as marcas de sua batalha ficam no ar e no chão, deixando como rastro o ar envenenado, o medo da chuva, da seca ou das tempestades inesperadas que devastam o solo, enfim, a vingança de **Ñankúa** é plantar com seu poder a impossibilidade de vida onde os brancos dividiram suas terras.

Os brancos conhecem muito bem as consequências de suas ações; mas, como todo Yolujá, eles buscam apenas satisfazer seu desejo e não se responsabilizam por nada. Eles sabem como fugir de suas responsabilidades culpando os outros. Para isso, criam grandes discursos que dizem e repetem sem ouvir outras palavras que não sejam suas, única forma de se convencerem de seu poder. Precisamente, o último grande discurso dos brancos foi este sobre o Antropoceno, com o qual eles não apenas transferem sua responsabilidade para todas as humanidades, mas também culpam a própria Terra.

Gostaria de terminar contando uma história. Cerca de quarenta anos atrás, a avó Isabelita, para me explicar o que seria a chegada do “Retorno do Tempo”, me contou que um dia um Añuu e um Wayuu conheceram um homem branco que irradiava brilho de tanto ouro que adornava suas roupas. Era um homem alto que ria e zombava dos Añuu e dos Wayuu porque andavam

de guayucos, descalços, e nenhum brilho brotava de sua pele queimada de sol. Sem saber que era realmente Yolujá, pediram para ele mostrar como conseguir o brilho, então o homem branco mostrou o dinheiro pela primeira vez e disse: Olha isso! Não faça nada além de encontrá-lo porque, quando você o tiver, verá que brilhará como eu!

Isabelita disse que desde então nossa vida mudou, a ponto de por causa do dinheiro perdermos a memória da nossa responsabilidade com a família, com a comunidade e com o mundo. Os Añuu e os Wayuu abriram mão de tudo por dinheiro. Os Añuu entregaram as águas, os Wayuu as terras dos Wasaalee. Viram que jamais alcançariam o brilho de Yolujá e, ao contrário, o espírito da Fome se instalou para conviver com eles. Então, procuraram o Yolujá para reivindicá-lo e ele, rindo como sempre, disse-lhes: Não posso fazer nada porque a Fome e o Dinheiro andam juntos, quem procura um encontra o outro. Então não me culpe pelo que só você desejou.

Eu pensei um pouco, e então perguntei à vovó como poderíamos vencer Yolujá e ela me disse exatamente: Chikekü We Tarin! Chikeku We! (Voltar a nós, meu neto! Voltar a nós!).

Por isso irmãos, quando hoje nos perguntam como espantar a catástrofe a que nos conduzem os Yolujá de ambição capitalista e sua palavra enganosa do Antropoceno e, sobretudo, como recuperar o Ariiyuu do Olho do Mundo, nosso universo, não temos outra resposta ou outro caminho, lembre-se das palavras da avó Isabelita: Chikekü We Tamiroñü! Voltar a Nós, Irmãos! Voltar a Nós!

José Ángel Quintero Weir



Membro do povo Añuu do estado venezuelano de Zulia, cujas terras ancestrais fazem fronteira com o Lago Maracaibo. Professor na Universidade Autónoma Indígena UAIN – Wainjirawa. É coordenador da Unidade de Estudos e Culturas Indígenas e professor titular da Escola de Letras do Departamento de Humanidades e Educação da Universidade de Zulia. Como ativista e intelectual indígena, ele passou muitos anos participando da luta contínua das comunidades indígenas da Venezuela. Autor do livro “La palabra de los añuu / Añun-nükükarü: Vocabulario de la lengua y el sentipensar de los hombres de agua” (Sultana del Lago, 2019).

EVENTOS COM JOSÉ ÁNGEL QUINTERO WEIR NO IHU

- [O mundo é um grande olho que vemos e que nos vê](#)

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio

 UNISINOS